



RADIOJORNALISMO E SUBJETIVIDADE: EM BUSCA DE VOZES SINGULARES

Flávia Lúcia Bazan Bespalhok e Patricia Zanin Heitzmann

O jornalismo distanciou-se de sua razão de existir – o sujeito. O processo de massificação e de transformação da realidade em espetáculo engendrado pela mídia, numa simbiose entre informação e entretenimento, modificou a relação dos jornalistas com seu público. A defesa da idéia de realidade enquanto espetáculo não é nova. Na década de 60, Guy Debord classificou de sociedade do espetáculo “*o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social*” (DEBORD, 1997, 30). Nessa perspectiva, o receptor é visto como uma massa que recebe o mesmo tipo de informação que precisa ser consumida como mais um produto da vida social. Assim, a imprensa não valoriza especificidades, maneiras de pensar, formas de vida. Ela homogeneiza o homem e suas ações. Não que a mídia não esteja preocupada com o receptor, mas ele é visto principalmente como alguém capaz de consumir não só produtos, mas também formas de vida. Dessa forma, a comunicação estaria inserida na vida das pessoas para ditar regras e normas, institucionalizando o homem. Ela afasta-se de seu papel de formar e educar quando faz uma escolha pelo homem-consumidor e não pelo homem-sujeito, que poderia contribuir para criar formas de expressão e manifestação de singularidades.

O cidadão comum encontra pouco espaço nos veículos de comunicação. Quando esse espaço é aberto, geralmente o cidadão é mostrado de forma estereotipada e sensacionalista, como verificamos nas coberturas policiais. O jornalismo precisa buscar um outro sentido da comunicação – e nosso enfoque é o rádio. Esse outro sentido pressupõe uma outra escuta – a que serve o homem, dando-lhe voz diante da realidade para mostrar suas dificuldades, mas também para revelar sua potência, suas possibilidades e inventividades, reconhecendo-se enquanto cidadão, sujeito e transformador do cotidiano. Compartilhamos do argumento de Ricardo Kotscho, para quem “*em toda matéria, o homem é sempre o mais importante*” (KOTSCHO, 1986, 68).

É de um homem importante, desejante, capaz de exprimir sua potencialidade e sua subjetividade que estamos tratando. Um homem visto sob outro foco, como defende Neide



Duarte. "São as pessoas que dão vida a qualquer projeto". (DUARTE apud [www](http://www.undp.org.br)). Pessoas capazes de "dizer sim à vida, apesar de tudo", como reforça Michel Maffesoli. Pessoas que "no meio da amargura, da dor e da violência conseguem ver uma saída pela solidariedade, pelas pequenas iniciativas, pelas parcerias. Pessoas e organizações que não ficam esperando pelas grandes soluções do sistema. Elas agem inventando as oportunidades." (DUARTE in www.undp.org.br)

Essas pessoas, que se transformam em protagonistas de documentários como os produzidos por Neide Duarte no programa "Caminhos e Parcerias", da TV Cultura, talvez estejam vivenciando um processo intenso de reconhecimento de sua subjetividade e, ao mesmo tempo, exercitando os pressupostos de uma cidadania crítica e ativa. Apesar da tensão existente entre cidadania e subjetividade, como aponta Boaventura de Sousa Santos, reconhecê-la é necessário tanto para estimular uma reflexão quanto uma práxis.

Segundo Santos, a tensão existe porque a subjetividade reflete o reconhecimento dos desejos individuais, muitas vezes contraditórios com os chamados "direitos e deveres dos cidadãos". Mas o autor afirma que também há uma relação complexa entre cidadania e subjetividade, uma vez que a primeira pode enriquecer a segunda, principalmente por fortalecer a autonomia e a liberdade, embora reduza a individualidade. Apesar da complexidade da relação e de contradições que podem surgir, Santos afirma que não há dúvidas de que o alargamento da cidadania – não só política e cívica, mas também social – abriu novos horizontes no desenvolvimento da subjetividade:

Tornou possíveis vivências de autonomia e de liberdade, promoção de educação e programação das trajetórias familiares. Por outro lado, aumentou o peso burocrático e a vigilância controladora sobre os indivíduos, sujeitou-os às rotinas de produção e consumo, destruiu as redes de solidariedade, potencializou a cultura midiática, transformou o lazer em gozo programado. O modelo de desenvolvimento transformou a subjetividade num processo de individuação e numeração burocráticas, convertendo o sujeito em objeto de si próprio."

(SANTOS, 2001, 245.)

O desafio que Santos aponta é a busca por uma nova subjetividade. Nós acreditamos que esse desafio inclui colocar o sujeito em seu papel de sujeito, retirando-o da condição de objeto como ele é atualmente submetido nas instituições e no próprio jornalismo. O rádio como veículo de expressão dos sujeitos que desejam se expressar como protagonistas de suas



vidas e não como objeto de curiosidade, de cobiça ou de desejo de um público ávido por modelos consumistas é a nossa inquietação. Na série de reportagens "Jornalismo Cidadão", veiculada quinzenalmente pela Rádio Universidade FM (emissora educativa da Universidade Estadual de Londrina - PR) desde julho de 2002, também valorizamos as iniciativas de cidadania das comunidades. A série iniciou para mostrar ações propositivas e revelar que, apesar das dificuldades cotidianas, sujeitos e comunidades buscam encontrar novas possibilidades de vida e as colocam em prática. O trabalho está caminhando para potencializar as histórias de iniciativas individuais e toda riqueza de argumentos, idéias e experiências de vida que envolvem a trajetória de sujeitos inquietos. Como já dizia o poeta Paulo Leminski, "isso de querer/ser exatamente aquilo/que a gente é/ainda vai/nos levar além." (LEMINSKI, 1995, 93).

Nesse contexto, o jornalismo no rádio exerce um papel importante que é o de contar essas histórias, mostrar parcerias, difundir idéias e projetos. Embora sirva para tornar comum, a comunicação precisa ter sempre o cuidado para tratar eticamente da identidade dos sujeitos e não deve criar rótulos e homogeneizar suas histórias, além das comunidades onde eles estão inseridos. Deve empreender um esforço pelas singularidades, como alerta Washington Novaes.

Por natureza – ou por circunstância – essa comunidade é vária, múltipla, contraditória, complexa. Portanto, se não se tem como objetivo uniformizar essa comunidade, unificar sua expressão ou pasteurizá-la, o jornal ou outro veículo de comunicação terá, necessariamente, de atentar para essa complexidade. E atendê-la.

(NOVAES, 1989, 68)

A idéia de comunidade deve manter o respeito à diversidade, já que é formada por indivíduos únicos. Assim, a proposta é descobrir e gravar as expressões e falas; os modos de ser e de sentir do sujeito, do indivíduo, para que esse ponto de vista singular afete a comunidade onde ele está inserido. E, quem sabe, possa afetar também a comunidade ouvinte que irá escutar seus argumentos, desejos e idéias de construção de novas possibilidades de vida.

A busca por compreender a polifonia, a pluralidade de vozes afetando-se mutuamente, ampliando debates e provocando transformações em cada sujeito e, conseqüentemente, no seu



espaço de vida, é uma de nossas principais inquietações. O rádio pode amplificar essas falas, possibilitar que elas tenham existência própria e revelar experiências de vida que provoquem um estranhamento, que tirem o ouvinte da previsibilidade. Buscamos evitar a reprodução de discursos prontos, que geralmente já sabemos onde irão nos levar, como afirma DUARTE:

Poucas pessoas se identificam com discursos. A maioria associa discursos a políticos, a aulas. É uma coisa maçante, e o público reconhece certos chavões inerentes aos discursos prontos. Esse tipo de discurso é sempre linear. A única coisa que sobe é o tom de voz, mas ele é linear. E tudo o que é linear é chato, porque a vida não é linear, nada no ser humano é linear. O público sabe o que a pessoa vai dizer em seguida, então se ele já sabe não precisa ouvir até o fim.

(DUARTE in www.undp.org.br)

Para evitar a linearidade aborrecedora dos discursos e possibilitar a expressão das falas descoladas do previsível, o jornalista precisa afetar-se de forma diferente – girar o "caleidoscópio auditivo" que envolve perguntar, escutar, interagir e dialogar. Envolve uma postura menos passiva diante do outro, mais curiosa e aberta na tentativa de descobrir valores, crenças, medos, preconceitos, queixas e lamúrias, mas também beleza, sensibilidade, musicalidade, sonho, fantasia e desejos. Seria uma postura capaz de reconhecer, em sua potência, a singularidade dos sujeitos. E também a sua própria singularidade, como alerta Genro Filho:

... o critério jornalístico de uma informação está indissolúvelmente ligado à reprodução de um evento pelo ângulo de sua singularidade. Mas o conteúdo da informação vai estar associado (contraditoriamente) à particularidade e universalidade que nele se propõem, ou melhor, que são delineados ou insinuados pela subjetividade do jornalista."

(GENRO FILHO apud MEDITSCH, 2001, 241)

Nesse sentido, a ação do repórter potencializa-se no sentido de autonomia e exercício de sua subjetividade que, muitas vezes, colide com a objetividade exigida do jornalista no cotidiano de sua atuação. É que a maioria das narrativas não é homogênea, óbvia e previsível, como também não o são a forma de expressar as histórias de homens e mulheres. Isso colide com a orientação de "começo, meio e fim" que se exige na produção de matérias do dia a dia



nas redações de rádio, jornal e TV, que buscam um padrão e um formato definido. Na série de reportagens produzida pela Universidade FM, pode ocorrer da fala não ser compreendida em sua totalidade e a obsessão objetiva por início, desenvolvimento e conclusão coloca-se como ineficiente, já que o ser humano mostra-se não linear e não obedece essa lógica. Em grande parte das entrevistas, os sujeitos mostram-se fragmentados. Mas é por meio desses fragmentos que podemos entendê-los, talvez nem sempre em sua totalidade, mas buscando a preservação da essência de seu discurso, da sua história, da sua singularidade. Neide Duarte, referindo-se a sua experiência na produção de documentários, afirma que a comunicação – para quem recebe a mensagem – não precisa se dar integralmente:

... como comunicadores, não devemos ter a pretensão de achar que tudo que estamos dizendo vai ser compreendido. Mas uma pessoa que percebe uma frase, percebe uma história e guarda essa história, isso já me deixa realizada. Essa é a função da televisão, dar alguma coisa que o espectador possa pegar e concluir: nossa, isso é legal. E um outro espectador vai pegar outra coisa. A comunicação não precisa se dar em sua totalidade."

(DUARTE in www.undp.org.br)

Estudos recentes citados por Meditsch apontam que o discurso, no rádio, avança para estabelecer uma relação de forma e conteúdo. Nesse sentido, nossa proposta é garantir o conteúdo por meio das falas dos sujeitos nas reportagens e trabalhá-las em sua forma, com a utilização de som ambiente, músicas e da voz-música dos próprios entrevistados.

Nas reportagens que buscam a inclusão do homem como "o mais importante", o repórter também exerce o papel de editor. Ele questiona, provoca e também concebe a forma final do trabalho, como faz Neide Duarte que produz o texto, faz o roteiro e também a direção do programa na TV Cultura. A série realizada pela Rádio Universidade de Londrina também procura valorizar ao máximo as potencialidades do sujeito-personagem. Ele é convidado a expressar-se de acordo com suas dúvidas, certezas, questionamentos e crenças – pode ser uma reza, uma canção, a leitura de um texto relacionado à sua prática cotidiana. Na edição das reportagens, o entrevistador se retira como repórter e se transforma em editor e produtor, fortalecendo a voz dos entrevistados, reconhecendo-as e potencializando-as. Trata-se da valorização da narrativa que dá sentido à própria vida dos sujeitos, como explica Oliver Sacks:

Se desejamos saber a respeito de um homem, perguntamos "qual é sua história – sua história real, mais íntima?", pois cada um de nós é uma biografia, uma história. Cada um de nós é uma narrativa singular que, de um modo contínuo, inconsciente, é construída por nós, por meio de nós e em nós – por meio de nossas percepções, sentimentos, pensamentos, ações e, não menos importante, por nosso discurso, nossas narrativas faladas.

(SACKS 1997, 129)

O jornalismo que busca essa aproximação com o sujeito e com suas narrativas faladas deve, necessariamente, agir com uma preocupação ética. Bernardo Kucinski, para quem o jornalismo definia-se "por uma ética e não por uma técnica", tem repensado valores sobre a ética no jornalismo. Ele assume que adotava uma postura "idealista e fundamentalista" do que é a ética jornalística e agora defende "uma nova ética para uma nova modernidade". Para formular essa proposta, Kucinski aponta para a crise ética "muito especial" por que passa o jornalismo. "Mais do que a incidência de desvios éticos pronunciados, a característica dessa crise é o vazio ético". (KUCINSKI, 2002, 1)

Na tentativa de buscar saídas para o vazio ético, primeiro ele faz um diagnóstico de que existe uma potencialização de valores como tolerância, pluralismo, sucesso pessoal e liberdade individual. Articulados, esses valores revelam uma matriz ética perversa se considerados os critérios que Kucinski classifica de "virtuosidade de nossa ética agora ultrapassada". "Talvez devamos dizer que a ética da pós-modernidade é marcada também pelo declínio dos valores solidariedade e compaixão que marcaram a humanidade nos pós-guerra, e pelo predomínio de valores não valores, como o ceticismo, o cinismo, a negação da utopia e da justiça social". (KUCINSKI, 2002, 5) O saber como valor central numa nova ética, a tolerância como indicativo para a aceitação das diferenças legítimas e a busca da idéia de inclusão em oposição à exclusão presente na lógica do neoliberalismo são propostas apresentadas por Kucinski como possíveis para essa nova ética. Além disso, o autor aponta para o encaixe do "sucesso pessoal" como um dos valores centrais da ética neoliberalismo numa matriz ética que o transforme em "socialmente útil". A luta política também é citada. "... a proposta de uma nova ética que resgate o pluralismo e da verdade a serviço público, e reelaborada como construção pedagógica de um novo jornalista contra-hegemônico, é hoje uma proposta necessária e importante, para a sociedade e para o jornalismo." (KUCINSKI, 2002, 7)



O pluralismo citado por Kucinski como requisito da nova ética para uma nova modernidade é essencial para o jornalismo que se pretende enquanto processo de compartilhar, embora reconheçamos que seu exercício no cotidiano das redações de rádio, TV, jornal e Internet esteja longe do desejável. Talvez possamos fortalecer esse exercício pela pluralidade de vozes e falas de sujeitos tidos como excluídos ou menos notados no dia-a-dia. Nesse sentido, a série de reportagens "Jornalismo Cidadão" tem uma preocupação primeiro de registrar essas vozes e depois de respeitar, ao máximo, os depoimentos e as falas.

É através da fala que o sujeito se apreende inserido no mundo. A fala é a sua intervenção dentro do espaço. É na fala que ele realmente adquire uma clareza da sua auto-imagem. Ele está aí, ele fala, ele tem som, e ao falar ele está se ouvindo por dentro.

(ARTHUR OMAR apud ZAREMBA , 1996, 26)

A edição dessas falas, apesar de muitas vezes precisar fragmentar idéias (em virtude do tempo escasso, mas "infinitamente" maior do que os tempos cronometrados e impiedosos das produções comerciais), procura respeitar o conteúdo dos entrevistados, inserindo-as num contexto e atentando para suas especificidades. Essa edição exige atenção redobrada do jornalista. Exige reconhecer e valorizar a palavra do homem, como aponta Wilma Moraes:

Ser rádio é deixar ressoar a palavra de outro, falada, cantada por curvas melódicas do som de uma voz-palavra, recuperada no prazer artístico do ouvir. No grafismo sonoro das sílabas fortes ou fracas (pela intensidade da inflexão), na duração de um instante falado, na agudez de uma sugestão (enquanto dura a altura de uma entonação), na evidência colorida de um timbre (expressivo ou modulado) ou, na sintaxe criada pelo som-voz da linguagem..."

(MORAES, 1996, 76)

Para Sartre, "cada pessoa, cada ser humano, é "o universo particularizado". (SARTRE apud NOVAES, 85) Nesse labirinto, timbres coloridos e curvas melódicas do som de uma voz-palavra apontados por Moraes podem nos conduzir à crença de que é preciso buscar a criatividade presente no sonoro "universo particularizado" de cada sujeito. O rádio, se encarar a ousadia da ruptura da reprodução burocrática de discursos e atentar para a potencialidade



dos sujeitos-vozes, pode permitir o surgimento de um veículo inovador, como aponta Bachelard:

O rádio é uma função de originalidade. Não pode se repetir. Deve criar novidade a cada dia. Não é simplesmente uma função que transmite verdades, informações. Deve ter vida autônoma nessa logoesfera, nesse universo da palavra, nessa palavra cósmica que é uma nova realidade do homem. É preciso que vá buscar no fundo humano princípios de originalidade.

(GASTON BACHELARD in ZAREMBA, 1996, 164)

Ao relacionar os princípios de originalidade no rádio a partir do "humano", Bachelard se soma aos anseios de pensadores e estudiosos que apostam no sujeito como potencialidade.

Um contraponto ao que Debord classifica de sociedade do espetáculo:

O espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é o suplemento do mundo real... Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos –, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. É a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o consumo que decorre dessa escolha. Forma e conteúdo do espetáculo são, de modo idêntico, a justificativa total de condições e dos fins do sistema existente.

(DEBORD, 1997, 14)

Para Joel Birman, tanto a sociedade do espetáculo quanto a cultura do narcisismo na contemporaneidade contribuíram para a construção do que ele qualifica como modelo de subjetividade que silencia as possibilidades e reinvenção do sujeito e do mundo.

Nesse contexto, a mídia se destaca como instrumento fundamental para que se forje o polimento exaltado de si-mesmo pelo indivíduo, que se esmera então para estar sempre presente nos meios de comunicação de massa, em jornais ou televisão. A cultura da imagem é o correlato essencial da estetização do eu, na medida em que a produção do brilharesco social se realiza fundamentalmente pelo esmero desmedido na constituição da imagem pela individualidade. Institui-se assim a hegemonia da aparência, que define o critério fundamental do ser e da existência em sua evanescência brilhosa. Na cultura da estetização do eu, o sujeito vale pelo que parece ser, mediante as imagens produzidas para se apresentar na cena social, lambuzado pela brilhantina eletrônica.

(BIRMAN, 167, 2001)



O rádio enquanto veículo que deve potencializar a voz do sujeito na sua plenitude precisa investir na ruptura da chamada "hegemonia da aparência" para a qual alerta Birman. Precisa esforçar-se para descobrir e revelar os rumos de caminhos diversos desses que estimulam a cultura da estetização, na qual "o sujeito vale pelo que parece ser." A busca é por revelar o que ele é, enquanto alguém capaz de desviar-se das trilhas que levam ao espetáculo e à performance. Alguém capaz de reconhecer e encontrar seus desejos e experimentar novas formas e possibilidades de vida, novas potências da fala enquanto intervenção dentro do espaço social. Esse reconhecimento pode nos levar a uma identificação das vozes múltiplas enquanto possibilidade de compartilhar experiências vividas, apesar das adversidades. Janete El Haouli chama atenção para o fato de estarmos constantemente pensando e repensando nossa voz:.

... e, muitas vezes, ela apresenta-se a nós como um enigma, um labirinto, uma região para incessante exploração. Sabemos que não foi por acaso que nossa voz foi reduzida a um mero veículo de palavras, de comandos; que ela foi (e é) reprimida enquanto fonte natural de prazeres, que se tornou quase incapaz de reunir semelhantes (os ouvintes) para experienciar diferentes formas de vida.

(EL HAOU LI, 2002, 46)

Experienciar diferentes formas de vida por meio do rádio implica reconhecer as histórias de vida de sujeitos singulares, atentos que estão para suas próprias narrativas. Sacks atenta para o caráter único de cada narrativa:

Biologicamente, fisiologicamente, não somos muito diferentes uns dos outros; historicamente, como narrativas, cada um de nós é único.

Para sermos nós mesmos precisamos ter a nós mesmos, possuir, se necessário repossuir, nossa história de vida. Precisamos "rememorar" a nós mesmos. Um homem necessita dessa narrativa, uma narrativa íntima contínua, para manter sua identidade, seu eu.

(SACKS, 1997, 129)

Experienciar diferentes formas de vida no rádio, por meio do caráter único de cada narrativa, implica não só em uma preocupação ética, mas também numa postura estética. Como a linguagem do rádio não é formada apenas pela voz humana e envolve também música, efeitos sonoros e silêncio – fundamentais no auxílio à palavra falada, todos esses elementos são valorizados. A série veiculada pela emissora pública e universitária de



Londrina respeita os silêncios e a música. A música, os efeitos, os ruídos e silêncios, além de completar o sentido da palavra, provocam sensações, como aponta Mario Kaplún. Ele define cinco funções exercidas pela música utilizada no rádio informativo:

Função gramatical: como signo de pontuação. A música pode ser utilizada para separar seções, blocos ou mesmo separar um assunto do outro, que pode ser usada para separar seções, blocos ou mesmo separar um assunto do outro.

Função expressiva: quando a música é usada para contribuir para um clima emocional, uma atmosfera sonora. Uma música que termina uma matéria pode ser vivaz, tensa, melancólica ou agitada, dependendo do tom emotivo que deseja criar no ouvinte.

Função descritiva: a música muitas vezes descreve paisagens, nos dá a referência de um lugar.

Função reflexiva: a música é usada como tempo de repouso para o ouvinte. Enquanto ouve um trecho de música o ouvinte pode pensar na informação recebida há pouco, e dessa forma se prepara para absorver as informações seguintes.

Função ambiental: a música usada como ambientação sonora, apenas como reprodução do som do ambiente. (KAPLÚN, 1978, 163)

Na série de reportagens quinzenais da rádio londrinense, a equipe formada por três estudantes do curso de jornalismo da Universidade Estadual de Londrina (Fábio Mansano, Guilherme Borges, Roberta Nunes), a jornalista da rádio Patricia Zanin Heitzmann e a professora Flávia Besspalhok, utiliza a música principalmente na sua função reflexiva (como tempo de repouso e reflexão do ouvinte), expressiva (para criar ou reforçar um clima emocional) e gramatical (pontuação). Já na Grécia Antiga eram estudados os efeitos emocionais e mentais causados pela música, como definiu Aristóteles, citado por Hugo Vela:

... emoções de toda espécie são produzidas pela melodia e pelo ritmo; através da música, por conseguinte, o homem se acostuma a experimentar as emoções certas; tem a música, portanto, o poder (...) de reproduzir emoções e sentimentos na direção da melancolia (...) efeminação (...) renúncia, domínio de si (...) entusiasmo... (ARISTÓTELES apud VELA, 1998, 61)

Além da música, também buscamos a musicalidade da voz dos entrevistados. Meredith Monk recupera a voz por meio da performance e do corpo. O radiojornalismo pode apropriar-se do sentido que ela dá à voz e o seu papel na atualidade.

A voz transcende culturas. Ela tem o poder de redescobrir memórias, sensações e sentimentos para os quais não temos mais palavras para traduzir ou que foram esquecidas, reprimidas... Quando você lida com a voz, é como se você lidasse com toda a arqueologia do ser humano. (MONK apud EL HAOU LI, 2001, 101)

Lidar com a "arqueologia do ser humano", como propõe Monk, pressupõe, no exercício do radiojornalismo que respeita as subjetividades, uma postura diferenciada do jornalista perante suas fontes. Pressupõe tratá-las como sujeito e não como objeto de suas reportagens. Pressupõe também aguçar os ouvidos para captar e revelar as inúmeras possibilidades de novas alianças entre os sujeitos e suas comunidades. Envolve contar sobre as manifestações coletivas sejam elas nas escolas, nas igrejas ou nas organizações não governamentais (ONGs) e mesmo nos espaços onde não se supunha que houvesse grande produção de vida. Permite que o rádio se abra para contar histórias de indivíduos autônomos e solidários, que escolhem os rumos de seus destinos.

A imprensa e particularmente o rádio, nesta perspectiva, precisa ser um espaço público, em que a pluralidade de vozes atue na transformação dos homens e da sociedade, com respeito e tolerância à diversidade, à diferença. Envolve também o reconhecimento da subjetividade do outro e da subjetividade do jornalista, que deve fazer um mergulho em si mesmo, que passa pelo desejo de um agir cidadão menos egoísta e mais ético. O processo prevê ainda que o profissional assuma a responsabilidade de construir, e não apenas reproduzir modelos jornalísticos já conhecidos e distanciados da pessoa humana. O processo permite que o profissional experimente conteúdos e formas de contar uma história singular. Essa construção deve buscar apoio em múltiplas experiências e disciplinas do saber como educação, cultura, psicologia, psicanálise, sociologia, filosofia, meio ambiente, ética e bioética, entre outras áreas do conhecimento. Essas referências, somadas à vontade do jornalista, podem ser usadas para aproximá-lo do sujeito, da comunidade e de sua realidade complexa, e muitas vezes desconhecida. Mas que precisa ser desvendada e multiplicada por meio das vozes dissonantes, silenciosas, anônimas, potentes, frágeis, graves, caladas, desconfiadas, frustradas, esperançosas, potentes e desejantes.



BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston in ZAREMBA, Lilian, BENTES, Ivana (orgs). **Rádio Nova, constelações da radiofonia contemporânea**. Rio de Janeiro: UFRJ, Eco, Publique, 1996.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUARTE, Neide. *O importante são as pessoas*. Entrevista disponível no site www.undp.org.br

EL HAOU LI, Janete. **Demetrio Stratos: em busca da voz-música**. Londrina: J. E. Haouli, 2002.

KAPLÚN, Mario. **Produção de programas de rádio**. Quito: Ediciones Ciespal, 1978.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 1986.

KUCINSKI, Bernardo. *Uma nova ética para uma nova modernidade*. V Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, em Porto Alegre, 28 de abril de 2002.

LEMINSKI, Paulo. **Distraídos venceremos**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação**. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2001.

MORAES, Wilma in ZAREMBA, Lilian, BENTES, Ivana (orgs). **Rádio Nova, constelações da radiofonia contemporânea**. Rio de Janeiro: UFRJ, Eco, Publique, 1996.

NOVAES, Washington. **A quem pertence a informação?** Petrópolis: Vozes, 1989.



OMAR, Arthur in ZAREMBA, Lilian, BENTES, Ivana (orgs). **Rádio Nova, constelações da radiofonia contemporânea**. Rio de Janeiro: UFRJ, Eco, Publique, 1996.

SACKS, Oliver. **O homem que confundiu sua mulher com um chapéu e outras histórias clínicas**. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 2001.

VELA, Hugo. **Quando música e discurso geram caos** in Rádio e Pânico, 60 anos depois de A Guerra dos Mundos. MEDITSCH, Eduardo (org). Florianópolis: Insular, 1998.

ZAREMBA, Lilian, BENTES, Ivana (orgs). **Rádio Nova, constelações da radiofonia contemporânea**. Rio de Janeiro: UFRJ, Eco, Publique, 1996.